

Suinocultura no Oeste Catarinense: Os impactos socioambientais e simbólicos

Pig farming in the West of Santa Catarina: The socio-environmental and symbolic impacts

Laianny Cristine Gonçalves Terreri¹

Resumo: O estado de Santa Catarina é o maior produtor de suínos do país. O objetivo deste trabalho é abordar os impactos de um processo de industrialização nas transformações do sistema de criação de porcos no estado ocorridas no último século. Os resultados mostram que embora a suinocultura seja uma indústria muito lucrativa economicamente, esse lucro acaba não favorecendo diretamente a região e seus moradores quando se leva em conta a degradação ambiental e contaminação das águas causadas pelo descarte inadequado de matéria orgânica provinda dos abatedouros, assim como a reestruturação familiar de pequenos agricultores e criadores de porcos, que foram gradativamente substituídos pela grande indústria. Este estudo aponta, também, o aumento dos impactos negativos no bem-estar e exploração animais aos suínos confinados nos moldes atuais do modelo de produção industrial para o abate e consumo humano e sua relação simbólica com as violências contra mulheres.

Palavras-Chave: Suinocultura; Oeste Catarinense; Agroindústria; Exploração animal.

Abstract: The state of Santa Catarina is the largest pork producer in the country. This work's objective is to address the impact of the industrialisation process in the pork breeding system in the last century. The results show that although pork farming is a very profitable industry, this profit does not directly favours the region and its inhabitants. Such results take into account the impact of environmental degradation, water contamination (caused by inadequate dumping of organic materials from slaughterhouses) as well as small farmer families restructuring, which were gradually replaced by large industries. This study also contemplates the increasing impact on animals welfare and exploitation resulting from the current industrialised model of production and the symbolic relationship to violations against women.

Keywords: Swine; Western Santa Catarina; Meat processing industry; Animal Exploitation.

Introdução

Em todo o mundo, a criação de porcos para o consumo humano cresce de maneira exponencial. Desta forma, a fim de produzir uma maior quantidade de carne para atender a demanda do mercado, a suinocultura se reinventou e agora tende a adotar um modelo de criação rápida e que ocupe o menor espaço possível. Muito se fala dessa mudança de estrutura de produção e das consequências ambientais deste novo tipo de sistema, contudo, o presente estudo pretende apontar também as consequências no bem estar animal, que são o alvo da exploração pecuária. Outro ponto a ser problematizado no texto, são as possíveis relações entre a violência animal e a violência com as mulheres, através da comparação de relatos agropecuários que muito se assemelham a descrição de casos de estupro.

Para entender as complicações causadas no bem estar dos animais é necessário entender primeiro o modelo atual de criação e exploração deles. Assim, no Brasil, o oeste do estado de

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: laiannyterreri@gmail.com

Santa Catarina se destaca na criação e abate de suínos. De acordo com o IBGE, no segundo semestre de 2019, Santa Catarina liderou o ranking nacional de abate suíno com a marca de 3 053 902 de animais². Essa indústria vem crescendo desde 1940 com a instalação de frigoríficos como o Frigorífico Perdigão S/ A Comércio, construído em 1934 na cidade de Videira; o Frigorífico Sadia, de 1944, na cidade de Concórdia; Frigorífico Seara, em Seara, 1952, entre outros. Contudo, antes desse desenvolvimento industrial, Santa Catarina já possuía um histórico de criação de porcos.

História da suinocultura em Santa Catarina

Essas criações animais estavam presentes nas populações de caboclos, que até meados do século XX, mantinham e dividiam suas terras em o que Renk³ caracteriza como terras de plantar e terras de criar. Os caboclos são aqui entendidos pela definição de Machado⁴, em que o conceito apesar de não se dar pela conotação étnica, apresenta o fato da maioria deles serem mestiços e negros, além da descrição daqueles como homens pobres, pequenos lavradores, posseiros, agregados e peões habitantes do meio rural do oeste catarinense. Assim, nas terras de plantar, existia a agricultura em pequena escala, no sistema de rotatividade, com plantio, principalmente, de milho e feijão. Nas terras de criar, que incluía tanto o campo quanto parte das florestas, os porcos eram criados soltos, necessitando pouco manejo, pois os animais cresciam e engordavam se alimentando de frutos e sementes, como o pinhão. Essa criação era destinada a subsistência das famílias e o excedente poderia ser comercializado em cidades próximas⁵. É importante ressaltar que nesse sistema a engorda dos porcos demorava cerca de 18 meses e exigia em média 5 hectares por animal. Atualmente, a engorda acontece até os 5 meses de vida e ocorre em espaços de aproximadamente 1m² por animal⁶.

Todavia, com a imigração e colonização alemã e italiana no século passado para o oeste do estado e, com isso, a expropriação de terras dos caboclos em prol dos imigrantes, esse sistema de criação solta dos porcos foi deixando de existir, dando lugar para o método dos colonos, que consistia na derrubada da floresta para a formação de lavouras destinadas à comercialização dos produtos, e para o confinamento dos porcos em chiqueiros. Também nesse período, costumava-se cercar a plantação de milho para, na época da colheita, soltar os suínos

² IBGE, 2019.

³ RENK, Arlene, 2006, p. 37-62

⁴ MACHADO, Paulo Pinheiro, 2004, 295 p.

⁵ BRANDT, Marlon; NODARI, Eunice Sueli, 2011, p. 80-90.

⁶ SOS SUÍNOS, 2019.

dentro dessa área. Esse tipo de criação pode ser visualizado na Figura 1, em que os porcos são vistos confinados para o período de engorda.

Figura 1- Suínos confinados em cerco de madeira para o período de engorda, em Pinhalzinho, SC, na década de 1950



Fonte: Moretto; Brandt (2019)

No fim dos anos 40, houve o aumento de criação de porcos para venda, assim esses proprietários passaram a comercializar em maior escala os animais criados em suas propriedades, tornando o principal produto das unidades familiares. A produção de suínos até a primeira metade do século XX era organizada como “ciclo completo”, em que o todo o processo de criação é controlado pelo agricultor, proprietário dos meios de produção: a terra, as instalações, os equipamentos e insumos. Em relação a empresas comerciais, o produtor mantinha uma relação de compra e venda, tanto dos suínos, assim como de medicamentos⁷. Assim, a suinocultura foi responsável por um crescimento econômico da região do oeste catarinense, pois além de fomentar renda às famílias agricultoras, também o fez a outros tipos de comerciantes, bem como a pequenos produtores de banha e derivados da carne de porco.

Desse modo, o comércio de suínos e a produção de banha começou a ir além do mercado local, sendo vendido em outras regiões, transportado através da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, que interligava a região com o Sul e o Sudeste do país. Essa expansão de mercado está associada a dois processos correlatos: o primeiro relativo à urbanização dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que provocou um maior consumo dos derivados de carne, e, principalmente, da banha, utilizada no cozimento e na conservação de alimentos. O segundo, relacionado a uma onda desenvolvimentista no país entre os anos 1950 em diante, em que governos estaduais e municipais incentivaram a instalação de indústrias, não sendo um processo

⁷ COLETTI, Tomé; LINS, H. N., 2010, 1-25.

descolado de um projeto nacional de modernização do campo. A ocorrida modernização e os consequentes novos modos de criação culminaram na instalação dos frigoríficos na região do oeste de Santa Catarina⁸.

A industrialização da suinocultura

A partir disso, o foco de produção deixou de ser a banha, como conservadora de alimentos, e passou a ser a própria carne do porco. Com a chegada das indústrias, a nova maneira de criação desses animais passou a ser pelo sistema integrado de produção, ou seja, visando a concentração, eficiência e maior produção de suínos. Para isso, as indústrias do abate forneciam aos produtores locais auxílio técnico e inovações, como rações, insumos e medicamentos, enquanto os agricultores ficavam responsáveis pela mão de obra, estruturas e manejos dos dejetos.

Pode-se dizer que, de forma geral, a indústria passou a controlar a produção, definindo desde a alimentação dos animais até o momento em que estes seriam abatidos, concomitantemente as relações dos agricultores deixam de ser tradicionalmente com os comerciantes locais para serem substituídas diretamente para relações de capital industrial e bancário⁹. Além do setor privado, inúmeras cooperativas agropecuárias também se expandiram, como forma de atender aos novos objetivos do mercado e do plano de desenvolvimento econômico estimulado pelo Estado.

Além disso, nesse novo sistema integrado de produção, o produtor recebe um valor das indústrias conforme sua produtividade. Contudo, como apontado nas pesquisas e entrevistas realizadas por Coletti e Lins¹⁰ com criadores de suínos do oeste catarinense, as agroindústrias “fazem o que bem querem” em relação ao pagamento dado aos produtores, pois estes desconhecem os critérios do cálculo de produtividade utilizado.

Para as agroindústrias, com um novo sistema produção, surge uma maior organização da criação de suínos e abate. São três os principais objetivos para as grandes empresas do setor: o primeiro, é a garantia de qualidade e regularidade da produção, pois, na antiga forma de criação de suínos, a oferta de animais prontos para o abate estava relacionada à época do ano, por causa das safras de certos alimentos, como o milho, que servia também de comida aos porcos. Com a modernização do campo, a indústria consegue realizar o abate o ano inteiro,

⁸ MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon., 2019, p. 229 - 254.

⁹ ESPÍNDULA, Carlos José., 1999, p. 101-194.

¹⁰ COLETTI, Tomé; LINS, H. N., 2010, p. 1-25.

enquanto o produtor rural deixa de se organizar conforme o ciclo natural e se adequa a agroindústria. Já o segundo objetivo seria a melhora da qualidade dos animais abatidos para o mercado, através de aperfeiçoamentos genéticos e regulamentação de manejo e instalações. Por fim, o terceiro objetivo do sistema integrado, que advém dos motivos anteriores, é a criação do setor de rações, atualmente responsável por grande parte dos lucros agroindustriais¹¹.

Contudo, no final dos anos 80 e início da década de 90, a agroindústria passou novamente por grandes reestruturações a fim de conquistar o mercado nacional e internacional e, também de aumentar a variedade de produtos produzidos. Logo, novos sistemas de parceria entre os frigoríficos e os agricultores surgiram. Nos anos 2000 uma nova modalidade ganha bastante força: a “creche”, isto é, as agroindústrias fornecem ao produtor rural os leitões e insumos para que o agricultor continue o período de engorda dos animais. Igualmente, a parceria de terminação, em que os agricultores ficam responsáveis pelas fases finais do processo de criação dos suínos. Na tabela a seguir, é possível identificar cada tipo de sistema produtivo e sua vigência:

Tabela 1 - Evolução dos sistemas de produção de suínos no oeste de Santa Catarina

SISTEMA DE PRODUÇÃO DE SUÍNOS	GRAU DE INCIDÊNCIA DE CADA SISTEMA		
	Anos 80	Anos 90	Anos 2000
Ciclo completo integrado	Intensifica-se e torna-se o principal sistema.	Começa a ser substituído pelo sistema de parceria.	Poucos produtores permanecem nesse sistema.
Ciclo completo independente	Predominante até essa década.	Concentra-se em grandes produtores, na produção associativa de pequenas agroindústrias e na produção de subsistência.	Implica poucos grandes produtores, produção associada de pequenas agroindústrias e produção de subsistência.
Produtor de leitões (parceria)	Começa nessa década, com o sistema de compra e venda.	Desenvolve-se; inicia-se parceria em que o agricultor recebe matrizes e reprodutores em comodato e oferece mão de obra, instalações e equipamentos; os demais insumos são fornecidos pelas agroindústrias.	O sistema de compra e venda sofre abandono, ganhando predominância o sistema de parceria.
Creche (parceria)	Sem registro.	Iniciam-se as primeiras experiências.	Em rápida expansão.
Terminador (parceria)	Inicia-se, com o sistema de compra e venda.	Sistema é mudado, para contrato de parceria: agricultor entra com mão de obra, instalações e equipamentos, sendo remunerado conforme a produtividade.	Torna-se o sistema predominante.
Parceria independente	Sem registro.	Passa a ser adotado por alguns grandes produtores.	Torna-se o principal sistema dos grandes suinocultores independentes.

Fonte: Coletti, Lins (2011)

¹¹ Idem.

Já a tabela 2 apresenta o número do rebanho de Santa Catarina, comparado ao rebanho nacional. Desta forma, percebe-se que a agroindústria catarinense expandiu consideravelmente seu mercado entre as décadas de 90 e 2010 e após isso houve uma estagnação.

Tabela 2 - Número de suínos entre 1990 e 2018

Ano	Numero de suínos (milhões)	
	Brasil	Santa Catarina
1990	33,62	3,33
1992	34,53	3,42
1994	35,14	4,09
1996	29,2	4,53
1998	30,01	4,7
2000	31,56	5,09
2002	31,92	5,35
2004	33,08	5,77
2006	35,17	7,16
2008	36,81	7,84
2010	36,95	7,81
2012	36,79	7,48
2014	37,93	6,78
2016	40,05	7,09
2018	41,44	7,96

Fonte: Dados obtidos de IBGE

Impactos do processo de industrialização

Ao longo deste processo, as transformações dos sistemas de produção afetaram os tradicionais agricultores e produtores de suínos, pois acabou por também reestruturar os sistemas de agricultura nas pequenas propriedades. Com isso, muitas famílias foram excluídas dos novos sistemas de produção e tiveram que dar um foco maior a outros tipos de trabalho e renda, como a produção de leite, milho, feijão e fumo. Além disso, alternativas como a produção orgânica e agroecológica foram colocadas na prática por diversas propriedades familiares que não se adequaram ao sistema agroindustrial de suinocultura.

Ademais das reestruturações familiares ocorridas pela implementação da indústria catarinense, também é importante ressaltar as alterações ambientais que ocorreram no oeste catarinense através da suinocultura. O principal impacto ambiental é referente a contaminação das águas. A região do Estado de Santa Catarina tem mais de 80% de suas fontes de águas e rios contaminados, causados por atividades pecuárias (dejetos de animais), atividades de lavoura (agrotóxicos), atividade de abatedouros (efluentes descartados de maneira incorreta nos rios). Neste contexto, a suinocultura é a principal fonte de contaminação das águas.

Isso se deve ao fato que no século passado, os agricultores descartavam os dejetos dos porcos em rios e afluentes. Essa prática foi incentivada inclusive por técnicos agrícolas da

EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), que aconselhavam os produtores a construírem as instalações dos porcos perto dos rios para facilitar o descarte e ainda alimentar os peixes. A média de dejetos de um porco é 8,6 litros por dia. Em 1970, tinha-se cerca de 1,08 milhões de porcos em Santa Catarina, o que resultaria em mais de nove milhões de litros de dejetos diários¹².

A partir de vazamento frequentes, grande mortalidade de peixes e um estudo que comprovou que o aumento de borrachudos na região do oeste catarinense foi ocasionado pela grande quantidade de matéria orgânica nos rios que contribuíram para o desenvolvimento do inseto, algumas providências foram tomadas. Assim, proibiu-se o despejo de dejetos no rio, embora isso continue acontecendo na ilegalidade. A alternativa para o descarte dos dejetos foi de esterqueiras e bioesterqueiras. Existiam projetos como o “Programa de Expansão da Suinocultura e Tratamento de Dejetos” subsidiado pelo BNDES que financiou soluções para diminuir o impacto ambiental. Outra alternativa era usar os dejetos dos porcos como adubos. O problema dessa solução é que muitas vezes os dejetos eram usados sem o tratamento certo, que causava ainda mais a poluição do solo e das águas. Pode-se dizer que só houve uma mudança significativa a partir de 1998 com uma mudança da legislação, a Lei n.º.9.605/ 98, Lei de Crimes Ambientais. “O sistema [agroindustrial] foi obrigado a repensar seus modelos de produção, muito mais por pressões externas e de órgão ambientais do que propriamente por consciência ambiental”¹³.

Ainda relacionado a água, além da poluição de rios e fontes, também está o grande consumo de água para a criação de animais. Espíndula¹⁴ aponta que uma das unidades da Sadia construiu uma caixa d’água vertical com capacidade de 1 milhão e 250 litros, e cerca de 1 milhão e 200 são consumidos por dia em produção, limpeza e higienização de máquinas e equipamentos. Em 2017, havia 8.438.865 suínos no estado de Santa Catarina, cada animal, consome diretamente em média 5,5 litros de água por dia, o que resultaria em aproximadamente 46 milhões e meio de litros de água por dia para a criação desses animais.¹⁵

Por último, mas muito importante, é o impacto do desenvolvimento da agroindústria na vida dos próprios animais criados para o abate e consumo humano. Aos poucos, o mercado consumidor e a sociedade no geral, têm exigido medidas que garantam o mínimo do bem-estar animal nesses sistemas produtivos. Nesse sentido, o relatório de Brambell, escrito na Inglaterra

¹² FORNECK, Elisandra; KLUG, João. 2015, p. 249-271

¹³ Ibidem, p. 265

¹⁴ ESPÍNDULA, Carlos José., 1999. p. 101-194.

¹⁵ IBGE, 2019.

em 1965, foi pioneiro em avaliar as condições dos animais confinados no país britânico, cunhando o conceito de “as cinco liberdades” animais que serviram, posteriormente, de embasamento para a proteção animal, sendo elas: estar livre de fome e sede; livre de dor, ferimentos e doenças; livre de desconforto; livre para expressar seu comportamento natural e livre de medo e estresse¹⁶.

Nessa perspectiva, o sofrimento animal advém de privações físicas ou psicológicas, como a ausência de espaço e o isolamento social. Na Figura 2, abaixo, é possível visualizar o modelo atual de criação de suínos, em que estes são criados confinados em espaços reduzidos, não permitindo movimentação, exercício e bem-estar.

Figura 2- Animais em confinamento



Fonte: Suínos e Aves (2012)

Soma-se a isso o fato da exploração animal se dar, principalmente, sobre as fêmeas matrizes. Isso, pois, a ideia de constante reprodução das fêmeas presente no atual modelo de suinocultura faz com que haja uma imposição contrária a expressão do comportamento natural delas, como se conclui a partir do relatório da EMPRAPA de 1978, intitulado “Sistemas de produção para suínos” realizado em Concórdia - SC, em que há o seguinte trecho: “Uma fêmea é reconhecidamente boa criadeira, quando comprovou através de vários partos. Uma grande produção de leitões nascidos e desmamados, menores intervalos entre partos, boa qualidade leiteira e enfim, boa mãe”¹⁷. Outro trecho aponta que:

O criador deve prestar especial atenção ao comportamento de seus animais, principalmente quando iniciam suas atividades sexuais (jovens) ou quando for a 1- cobertura após um período de repouso (adulto), porque às vezes, os machos podem encontrar-se totalmente indiferentes às fêmeas. Quando isso

¹⁶ BRAMBELL, W. R. et al, 1965.

¹⁷ EMBRAPA, 2019.

acontece, é conveniente apresentar fêmeas no ponto certo para a cobertura, e de preferência, imobilizadas¹⁸

Ao observar a linguagem usada para caracterizar o que seria uma boa mãe, e a sugestão de imobilizar a fêmea para que o macho possa acasalar, é possível perceber a naturalização da violência e do rompimento de protocolos como o das “cinco liberdades”.

Consequências simbólicas

Pode-se entender essa naturalização dos signos em torno dos maus tratos animais como um sintoma da modernidade. Dessa maneira, e a partir da leitura de análises críticas apoiadas em Lefebvre¹⁹, é possível inferir que tais comportamentos da produção e consumo da carne porcina subjazem os aspectos culturais da modernidade, visto que a realidade e as imagens são transpostas em signos de uma ideologia vigente. Em outras palavras, “A produção desses signos se integra na produção global e desempenha um papel integrador fundamental em relação às outras atividades sociais produtivas ou organizadoras. O signo é comprado e vendido; a linguagem torna-se valor de troca”²⁰. Assim, o consumo de objetos e materiais, estende-se aos signos como os da satisfação, do poder, da riqueza, da técnica, entre outros.

Nas últimas duas décadas iniciou-se o debate entre ativistas da causa animal sobre a possível relação simbólica e polêmica entre a naturalização da exploração sofrida por animais criados para o abate e violência contra as mulheres. Para entender essa relação, é primeiro preciso entender o conceito de referente ausente:

A função do referente ausente é manter a nossa “carne” separada de qualquer ideia de que ela ou ele já foi um animal [...] evitar que algo seja visto como tendo sido um ser. Uma vez que a existência da carne é desligada da existência de um animal que foi morto para se tornar “carne”, esta fica desancorada do seu referente original (o animal), tornando-se em vez disso, uma imagem que não está ligada a nada, imagem esta usada frequentemente para refletir o status feminino, assim como o dos animais. Os animais são o referente ausente no ato de comer carne; tornam-se também o referente ausente nas imagens de mulheres subjugadas, fragmentadas ou consumíveis.²¹

Desta forma, existem três maneiras em que os animais se tornam referentes ausentes. A primeira é literal, o animal está ausente pois está morto. A segunda é através da linguagem, quando se come um animal, deixa-se de usar a palavra filhote, para usar a palavra novilho ou

¹⁸ Ibidem, p. 16.

¹⁹ LEFEBVRE, Henri., 1973.

²⁰ HENRIQUE, Wendel., 2008. p. 204

²¹ ADAMS, Carol J., 2018, p. 24.

bezerro, já os porcos se tornam bacon, banha. A terceira maneira, é metafórica, quando a experiência animal se torna uma metáfora para descrever experiências humanas. Esta acontece, por exemplo, quando uma mulher vítima de um estupro e violência diz sentir-se “como um pedaço de carne”, ou ainda, quando se usa o termo “porca” para inferiorizar uma mulher como suja.²²

O contrário também pode acontecer quando animais são sexualizados de alguma maneira. A Figura 3, a seguir, trata-se da Ursula Hamdress, vinculada a revista Playboar em 1981. Apesar de ser uma arte provocativa e não realmente sexualizada, o que está ausente é o corpo feminino.

Figura 3 - Ursula Hamdress



Fonte: Adams (2018)

Enquanto as mulheres violentadas podem se sentir como um pedaço de “carne”, os animais realmente viram pedaços de “carne”. A forma real como um animal é retalhado e morto, é omissa do imaginário da população, pois isso impossibilitaria seu consumo.

Assim, o animal é abatido como se não fosse um ser vivo que sente e que vive. Da mesma forma quando ocorre o estupro de mulheres, as quais são tratadas como objetos inertes e sem sentimentos, levando-as a se sentirem tratadas como se fossem um animal. Quando se analisa o relatório supracitado da EMBRAPA, percebe-se que as porcas são penetradas, violentadas, afastadas de seus filhotes, contra sua própria vontade, para satisfazer o mercado. Quando o relatório aponta que as porcas devem ser imobilizadas para que os machos possam copulá-las, o que se tem é um referente ausente do estupro de mulheres.

Diante dessa análise, conclui-se que as transformações na produção e consumo de suínos perpassa o sistema de produção vigente através de signos, ou seja, a demanda social dá

²² ADAMS, Carol J., 2018.

a cada objeto o seu valor de troca, ao mesmo tempo em que (re)significa o seu uso ou seu valor, mesmo quando se utiliza de um “referente ausente”. Desse modo, os corpos tanto de mulheres quanto de porcos se transformam em objetos consumíveis em prol do mercado.

Conclusão

Nota-se que o estado de Santa Catarina tem um histórico de criação de porcos desde antes do século XX através dos caboclos do oeste do estado. Contudo, nas últimas décadas, o modelo de criação de porcos no Estado passou por grandes transformações. Primeiramente com os imigrantes e depois com a modernização do campo, que propiciou a instalação de grandes indústrias de frigoríficos e abate. A partir disso, houve inúmeras consequências para a região. Os antigos criadores de porcos, donos de pequenas propriedades, foram substituídos pelas grandes agroindústrias e, com isso, tiveram que modificar suas formas de trabalho e subsistência.

Além disso, o impacto ambiental dessa grande industrialização gerou, e continua gerando, custos altíssimos ao meio ambiente, poluindo principalmente os rios. A situação é ainda pior quando se leva em conta a situação dos suínos, pois o abate reduziu o tempo de vida destes em $\frac{1}{4}$ de tempo do que era no modelo anterior de criação. Assim como o espaço físico destinado a criação de cada animal diminuiu consideravelmente, em que muitas fazendas produtoras de suínos utilizam o sistema de celas individuais.

Desta forma, questiona-se até que ponto o desenvolvimento agroindustrial tem trazido benefícios à sociedade catarinense, levando em conta que os lucros da suinocultura permanecem com as grandes empresas. Os impactos ambientais continuam acontecendo alarmantemente, com milhões de litros de água usados para a manutenção do abate, além dos resíduos que por vezes continuam sendo descartados da maneira incorreta.

Para além, é preciso intensificar o debate sobre os limites do ser humano em implicar sofrimento a outros animais, pois embora a suinocultura seja apresentada como uma das principais atividades do estado, geradora de inúmeros lucros, por vezes, ela é a razão de imensuráveis prejuízos. Assim como, é necessário um estudo mais aprofundado sobre o complexo e delicado debate entre as relações da violência animal e com mulheres. Para isso, percorrer o caminho da leitura dos signos que envolvem o sistema de produção, incluindo ou excluindo seres viventes, meramente em prol do mercado e seu próprio funcionamento, é fundamental.

Referências bibliográficas

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: Uma teoria feminista-vegetariana**. 2. ed. São Paulo: Alaúde, 2018.

BRAMBELL, W. R. et al. **Report of the Technical Committee to Enquire into the Welfare of Animals kept under Intensive Livestock Husbandry Systems**. Londres, 1965.

BRANDT, Marlon; NODARI, Eunice Sueli. Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 80-90, 2011.

COLETTI, Tomé; LINS, H. N. Transformações na suinocultura do Oeste catarinense e busca de alternativas na agricultura familiar: um redesenho das estruturas rurais da região. In: **IV Encontro de Economia Catarinense**, 2010, Criciúma (SC). Encontro de Economia Catarinense. Criciúma, 2010. v. 1. p. 1-25.

EMBRAPA. **Sistemas de produção para suínos**: Santa Catarina, 1978. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/904975>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

ESPÍNDULA, Carlos José. As estratégias técnico-produtivas para alavancagem do capitalismo agroindustrial do oeste catarinense. In: ESPÍNDULA, Carlos José. **As agroindústrias no Brasil: O caso Sadia**. Chapecó: Grifos, 1999. p. 101-194.

FORNECK, Elisandra; KLUG, João. Suinocultura no Oeste catarinense: do desastre ambiental à busca de equilíbrio. In: NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; LOPES, Alfredo Ricardo Silva. (Org.). **Desastres Socioambientais em Santa Catarina**. 1 ed. São Leopoldo: Editora Oikos, 2015, v. 1, p. 249-271.

HENRIQUE, Wendel. Representações da natureza na cidade. In: CLAVAL, Paul.. [et al.] **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 201-223.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/abate/brasil>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

LEFEBVRE, Henri. **De lo Rural a lo Urbano**. ed. 2. Barcelona: Ediciones 62, 1973.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, 295 p.

MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 229 - 254, jan./abr. 2019.

PORTAL SUÍNOS E AVES. **Crise da suinocultura leva a perda de propriedades rurais em Santa Catarina**, jun. 2012. Disponível em: <<https://www.portalsuinoeaves.com.br/crise-da-suinocultura-leva-a-perda-de-propriedades-rurais-em-santa-catarina/>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

RENK, Arlene. A colonização do Oeste Catarinense: as representações dos brasileiros. **Cadernos do CEOM**, ano 18, n. 23, p. 37-62, 2006.

SOS SUÍNOS (Goiânia). **Informativo Técnico 66 (01/10/2019)**. 2019. Disponível em: <<http://www.sossuinos.com.br/Tecnicos/info66.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

Data de envio: 05 de dezembro de 2019

Data de aceite: 8 de fevereiro de 2020